

Durante 20 anos, um executivo de sucesso e uma rica dona de casa guardaram um

TERRÍVEL SEGREDO

POR MAX ALEXANDER

GAYLE BERGSTRAND levantou-se da cama num pulo, assustada. Seu modesto apartamento em Olathe, Kansas, tinha paredes finas. Gayle e o marido, Richard, acostumaram-se a ignorar a vida de seus vizinhos do lado, mas, às 2h30 da manhã de 28 de fevereiro de 1982, Gayle ouviu no quarto de Melinda e David Harmon ruídos que não conseguiu ignorar. Do outro lado da parede, a centímetros de seu travesseiro, vinha uma série de “batidas rápidas”, lembra ela, com nitidez, mais de 24 anos depois. “Não podia imaginar o que era, mas sabia que provavelmente não seria boa coisa.” Gayle pôs o ouvido perto da

parede. Depois que as batidas pararam, ouviu o piso ranger.

Mais de uma hora depois, Melinda Harmon, com 24 anos na época, apareceu na porta dos Bergstrands com um ferimento no rosto e manchas de sangue na camisola. Dois homens tinham invadido sua casa, disse ela a Gayle, matado seu marido, gerente de um banco, e depois exigido as chaves do banco antes de a atacarem e a deixarem inconsciente.

O assassinato de David Harmon (à direita) chocou a comunidade da faculdade cristã onde sua mulher trabalhava.



Nem os amigos podiam imaginar Mark como um frio assassino. Originário de St. Louis, crescera numa família de classe média e era considerado um “rapaz normal”, segundo Kevin Jakabosky, que jogava hóquei com Mark e com David. Gayle Bergstrand recorda-se dele como “carismático, simpático e sociável – o que se espera do presidente do corpo discente de uma pequena faculdade cristã”.

aplaudiram de pé. Ele voltou em seguida a St. Louis, para assumir um emprego, antes de ir para a Harvard Business School.

Em Rochester, os pais de David Harmon, John e Sue Harmon, sofriam em silêncio pelo assassinato do único filho. “Pediram-nos que não falássemos sobre o caso”, lembra John, agora professor aposentado. “Somente minha fé religiosa me ajudou a sobreviver.”

"SÓ MESMO A FORÇA E O PODER DA MINHA FÉ RELIGIOSA PARA ME AJUDAR A SOBREVIVER."

Melinda e Mark negaram o envolvimento deles no assassinato. Depois – como para provar que não existia romance – cortaram relações. Conforme as semanas se passavam, sem prisões, os boatos aumentavam. Alguns vizinhos acreditavam que as autoridades relutavam em levar a julgamento um caso que constrangeria a Igreja do Nazareno, de onde, como se veio a saber, o pai de Melinda, o pastor J. Wilmer Lambert, era líder. Outros diziam que os policiais precisavam de provas mais contundentes. A polícia diz que o caso não era diferente de muitos crimes em que um suspeito é identificado, mas as provas não são suficientes.

Após o enterro de David, Melinda voltou para casa, em Ohio. Mark mudou-se para a casa do reitor da MidAmerica, e, naquela primavera, formou-se com mérito. Na cerimônia de fim de ano, os colegas de turma o

OS ANOS SE PASSARAM. O detetive Pruett se aposentou. Mas em 2001, estimulado pela nova tecnologia do DNA, o Departamento de Polícia de Olathe teve a chance de abrir os arquivos de casos não resolvidos. O caso Harmon foi entregue a dois detetives, Steve James e Bill Wall. Os dois estudaram cuidadosamente as provas armazenadas, entrevistaram Pruett e testemunhas, como os Bergstrands.

A conclusão: “Foi um triângulo amoroso”, diz Wall. “David foi morto por Melinda ou por Mark, ou eles tramaram tudo juntos.” Mas só a prova do DNA não era suficiente para solucionar o caso. As amostras de sangue do apartamento de Mark tinham se deteriorado com o tempo. E mesmo se um laboratório criminal encontrasse o DNA de David na casa do amigo, isso dificilmente comprovaria o assassinato. “Sabíamos que tínhamos de conseguir



que Melinda ou Mark fahassem”, diz James.

Os dois continuaram a levar vidas bem-sucedidas. Melinda casara-se de novo com Mark Raisch, que se tornou um próspero dentista, e era a dedicada mãe de dois filhos. Moravam em uma imponente casa em Columbus. Mark Mangelsdorf se tornara um executivo corporativo em rápida ascensão. Ele e a jovem esposa, Kristina, executiva também em ascensão profissional, planejavam começar uma família (Mark sustentava três filhos do primeiro casamento com uma mulher que tinha namorado durante o último ano na MidAmerica).

Acreditando que Melinda pudesse estar mais disposta a falar, os detetives tocaram a campainha de sua casa, na manhã de 17 de dezembro de 2001. “Nós a pegamos desprevenida”, diz Wall. “Ela nos atendeu em um roupão de banho, com uma toalha enrolada na cabeça.”

Mark Mangelsdorf declarou-se culpado pelo assassinato. A arma do crime, um pé-de-cabra, nunca foi encontrada.

– Gostaríamos de falar com você sobre seu finado marido, David – disse Wall.

Após uma pausa desconfortável, Melinda respondeu:

– Em que posso ajudar?

Recorda-se Wall: “Acho que ela pensou que pudesse nos manipular.” Enquanto Melinda se vestia, os detetives aguardaram no vestibulo, admirando duas árvores de Natal bem enfeitadas. Quando ela voltou e convidou os dois homens até a cozinha, os policiais pediram que se lembrasse do que acontecera naquela noite. Diz Wall: “Ela começou a contar uma história sobre como foi acordada pelos ruídos de uma figura indistinta atacando seu marido. Não houve menção aos dois homens, nenhuma referência às chaves do banco ou de ser atacada e desmaiar.”

Wall e James se entreolharam. “Estávamos pensando a mesma coisa”, diz Wall. “Ela não lembrava da mentira que contara em 1982.”

Wall avançou. “Eu falei ‘Sei que quem matou David foi você ou Mark’. Fui categórico. Ela pôs a cabeça entre as mãos. Foi aí que nos disse ter sentido a ‘presença’ de Mark no quarto e admitiu que tinha um relacionamento ‘inadequado’ com ele.”

Durante as seis horas seguintes, em sua casa e na frente de uma câmera de vídeo da delegacia local, Melinda desconversou, jamais admitindo envolvimento no assassinato, enquanto voltava à sua história original dos dois invasores.

POR VÁRIOS MESES, OS detetives trabalharam para que exames forenses adicionais fossem feitos. Por fim, em dezembro de 2003, Melinda foi acusada de assassinato em primeiro grau. Uma semana antes do seu julgamento, em abril de 2005, Mark Mangelsdorf também foi preso, sob a mesma acusação. Nessa época, ele e Kristina tinham um filho pequeno e outro a caminho, e moravam numa casa de 1 milhão de dólares, num subúrbio de Nova York. Mark mudara-se para ocupar o cargo de executivo sênior da Parmalat, conglomerado internacional de alimentos.

No julgamento de Melinda, o promotor público Morrison argumentou que ela e Mark tramaram matar David para que pudessem ficar juntos. Ele alegou que Melinda temia tanto o estigma

do divórcio que o assassinato era a única alternativa: “Em seu estranho mundo, era melhor ser viúva a ser divorciada.” O advogado dela rebateu, alegando que o caso era circunstancial e não poderia ser provado. Melinda nunca foi interrogada na corte, mas Mark sim, para defendê-la. Sob juramento, declarou que eles não tinham um caso e insistiu em dizer: “Não matei David Harmon.”

O júri considerou Melinda culpada. “O que a comprometeu foi o fato de ela ter revelado na fita de vídeo que mentira para Joe Pruett anos antes”, disse o jurado Randy Spector. “Por que alguém faria isso se fosse inocente?”

No entanto, uma batalha mais dura ainda estava por vir.

Ao contrário de Melinda, Mark nunca incriminou a si mesmo, e as provas contra ele eram inconsistentes. Então, o promotor Morrison propôs um acordo a Melinda. Ofereceu uma acusação reduzida de assassinato em segundo grau, que diminuiria sua pena de 20 anos a prisão perpétua para 10 a 20 anos, com possibilidade de obter liberdade condicional após cinco anos e meio. Em troca, Melinda testemunharia contra Mark.

Melinda aceitou amargamente o acordo e por fim falou a verdade: de que forma seu romance com Mark começara no verão de 1981. Contou em detalhes como Mark tinha cada vez mais ciúmes de David, enquanto mantinha a aparência de camaradagem. Usando sua chave, ele entrava quando não havia ninguém em casa e contava as camisinhas na mesa-de-cabeceira;

se faltasse uma, ele brigava com Melinda por ela ter feito sexo com o marido. Pressionava-a a se divorciar de David; ela, porém, resistia, por causa de suas crenças religiosas. Finalmente, ele discutiu a possibilidade de David morrer em um acidente de carro forjado; logo a história mudou para um assassinato. “Tudo o que você precisa fazer é mentir”, ele disse a Melinda.

Uma semana antes do assassinato, Mark lhe disse que comprara um pé-de-cabra e que a data estava próxima. Na noite do crime, ela dormiu inquieta, até acordar com alguém que, usando máscara, espancou David até a morte. Ela correu para o banheiro, depois se escondeu no andar de baixo. Mark logo desceu e disse a ela que estava feito. Antes de sair, ele deu um soco em Melinda, de acordo com o plano.

Sua descrição do assassinato era assustadoramente seca, mas o caso contra Mark não estava garantido. Tudo se resumiria na palavra dela contra a dele – e ela era uma criminosa condenada. Depois de um breve avanço nas manobras legais, na véspera do julgamento, Morrison e o advogado de Mark negociaram um acordo no qual Mark se declararia culpado de assassinato em segundo grau e receberia a mesma pena de Melinda.

Muitas pessoas, incluindo o pai de David, consideraram o desfecho brando. “Ambos já tinham vivido 24 anos em liberdade”, disse John Harmon.

EM 12 DE MAIO de 2006, Melinda Raisch entrou no tribunal de Kansas para enfrentar sua sentença – e o pai de seu finado marido (a mãe de David, Sue, morreu pouco antes do julgamento). Enquanto ela chorava, John a acusava de ser “manipuladora”. Melinda ficou de pé e se desculpou. “Não tenho palavras que descrevam como estou horrorizada com tudo isso”, disse.

Mais cedo naquele dia, Mark Mangelsdorf se entregou. Sentou-se e permaneceu imóvel, enquanto John o acusava de “egoísta”. Mark se desculpou, mas soou vazio; parte de seu acordo era admitir sua “participação” no crime. “Sinto muito pela morte de David”, disse ele – o que não é exatamente o mesmo que dizer que o matou.

A mulher de Mark, Kristina, tremia enquanto o marido era levado.

Assistindo a essa dramática despedida no tribunal, era fácil sentir pena de Kristina e de sua família, bem como do marido e dos filhos de Melinda. Mas era mais fácil acreditar que, para David Harmon e seu pai enlutado, finalmente havia sido feita justiça.

LIÇÕES DA MATERNIDADE

Quando meu filho nasceu, aprendi algumas verdades:

- Quanto mais nova for a pintura da parede, maior a necessidade de se escrever nela.
- Os documentos mais importantes são os que rasgam com mais facilidade.
- Os objetos mais caros são os que estão mais à mão.
- Nunca se deve guardar fertilizante numa garrafa de suco.